

TEORIA(S) DA COMUNICAÇÃO: BUSCA DE IDENTIDADE E DE CAMINHOS

Vera Regina Veiga França ¹

Este trabalho discute o surgimento de um campo de estudos sobre a comunicação social (de uma “Teoria da Comunicação”); as dificuldades colocadas por seu objeto, e a contextualização histórica dos diversos estudos.

Tais estudos, que formam um conjunto heterogêneo e vêm sendo sistematizados de diferentes maneiras, são atravessados por algumas antinomias, que dificultam a apreensão global do fenômeno comunicativo.

A comunicação tem uma existência real – é um fato concreto de nosso cotidiano. Além dos atos comunicativos de toda ordem através dos quais nos relacionamos, desenvolvemos nossas atividades, a comunicação significa hoje sobretudo uma prática profissional sofisticada, baseada no avanço da tecnologia dos meios de comunicação e no aperfeiçoamento das técnicas de intervenção e das linguagens.

Fenômeno sensível, prática concreta que está presente e inter-vém no desenvolvimento da vida social, esta comunicação suscita duas formas de conhecimento. Enquanto *fazer comunicativo*, a comunicação supõe e aciona um *saber-fazer*; o treinamento profissional, o domínio das técnicas e das linguagens que compõem o processo, e mesmo o desenvolvimento de certas características associadas ao bom desempenho profissional – tais como a criatividade, o senso crítico etc.

Ao mesmo tempo, na sua existência enquanto fenômeno particular, prática social que veio reconfigurar o perfil e a dinâmica da

1 Professora do Departamento de Comunicação Social da FAFICH/UFMG; doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Paris V.

sociedade contemporânea, a comunicação é também *objeto de uma reflexão acadêmica* que busca compreender, explicar e por vezes dominar o fenômeno comunicativo.

O resultado desse trabalho de reflexão sobre a comunicação – o somatório de estudos e pesquisas de naturezas distintas e de um processo de conhecimento nem sempre cumulativo – é o que chamamos teoria ou teorias da comunicação.

É cedo ainda para falar de uma nova disciplina; trata-se de um processo ainda embrionário, marcado por dificuldades e limitações. Unificada apenas por seu objeto (e ainda aí, um objeto complexo, como discutiremos a seguir) e padecendo dos problemas de uma área em formação, a teoria da comunicação se debate ainda com a questão da sua identidade e legitimação, em busca de construção de seu próprio olhar.

1 Objeto e conhecimento da comunicação

Um processo de conhecimento tem como ponto de partida a identificação de seu objeto – nós conhecemos alguma coisa que é preciso identificar, delimitar. Ora, o objeto da teoria da comunicação² é também seu primeiro problema, pois trata-se de um objeto essencialmente dinâmico, multifacetado e multiforme. A comunicação compreende vários elementos (a mensagem, os interlocutores, a situação comunicativa etc), e a essa complexidade interna (e ao movimento que se opera entre os elementos) corresponde ainda a ausência de contornos claros, a indefinição de seus limites. A comunicação penetra e é penetrada pela exuberância da vida social, e buscar a sua especificidade, delimitar o fenômeno é tarefa das mais complexas. A comunicação se apresenta no nosso dia-a-dia sob as mais variadas formas (uma novela é diferente de mensagem publicitária, que por sua vez é diferente de um texto jornalístico, que será ainda construído diferentemente dependendo da sua forma de veiculação, e assim por diante). Além disso, essas mesmas formas vêm mudando num intervalo muito curto, em função do avanço técnico e das mutações mais gerais sofridas pela sociedade.

2 Estaremos dizendo “teoria da comunicação” referindo-se ao conjunto de estudos sobre as práticas comunicativas – ainda que esse conjunto não constitua propriamente uma teoria, mas teorias.

Com essa ressalva, e compreendendo as dificuldades que esse objeto vai colocar, é possível dizer, num primeiro momento, que o objeto empírico da teoria da comunicação é a comunicação humana de uma maneira geral, e a comunicação de massa de forma mais particular. Como extensão da matriz interpessoal de comunicação, e ganhando uma identidade bem própria, é a comunicação pública, institucionalizada, produzida e veiculada através de meios técnicos de difusão o fenômeno novo que, no limiar do século XX, revolucionou a vida social e provocou a reflexão dos meios acadêmicos.

A teoria da comunicação compreende e sistematiza as tentativas de *conhecer* esse fenômeno. Neste sentido, uma discussão sobre ela tem início com uma reflexão sobre o próprio ato de conhecer – pois o que é uma teoria senão o resultado, o produto de um processo mais sistemático de conhecimento? Um corpo organizado de idéias, de proposições sobre a realidade que de alguma forma estamos a conhecer?

Conhecer é atividade especificamente humana. Ultrapassa o mero “dar-se conta de”, e significa a apreensão, a interpretação. Conhecer supõe a presença de sujeitos; um objeto que suscita sua atenção compreensiva; o uso de instrumentos de apreensão; um trabalho de debruçar-se sobre. Como fruto desse trabalho, ao conhecer, cria-se uma representação do conhecido – que já não é mais o objeto, mas uma construção do sujeito. O conhecimento produz, assim, modelos de apreensão – que por sua vez vão instruir conhecimentos futuros.

De tal maneira que é possível perceber no ato de conhecimento a tensão entre objeto e modelo; o cruzamento de duas dinâmicas opostas, que poderíamos representar através de duas atitudes básicas: a abertura para o mundo, a cristalização do mundo. Conhecer significa voltar-se para a realidade, e “deixar falar” o nosso objeto; mas conhecer significa também apreender o mundo através de esquemas já conhecidos, identificar no novo a permanência de algo já existente. Naturalmente, o monopólio de uma ou outra dessas tendências tem efeitos negativos, e é através de seu equilíbrio que se pode alcançar o conhecimento ao mesmo tempo atento ao novo e enriquecido pelas experiências cognitivas anteriores.

Naturalmente, não existe uma única forma e um só caminho para o conhecimento. Nós conhecemos como resultado de nossa

vivência, conhecemos através de informações que recebemos, de manifestações artísticas, de experiências místicas e espirituais; nós conhecemos também através de um trabalho sistemático de pesquisa e estudo, com a utilização de métodos específicos. A essa última forma de conhecimento chamamos conhecimento científico.

No caso da comunicação, componente básico da vida social, experiência permanente do homem, o aprendizado começa com os primeiros dias de vida. Apreendemos as formas comunicativas de nossa cultura, aprendemos a nos comunicar, reconhecemos os modelos comunicativos com os quais nos defrontamos. A exposição e o uso permanente dos meios de comunicação os tornam objetos e práticas familiares e amplamente "conhecidas" pelos membros da sociedade. Falamos deles, de seus conteúdos, do desempenho de seus personagens; dominamos, em certa medida, seu funcionamento; dirigimo-lhes críticas.

Trata-se aí de um conhecimento vivo, intuitivo, espontâneo – e o que apresenta uma grande riqueza em função de seu enraizamento no terreno da experiência e sua sintonia com o nosso viver cotidiano, com as indagações, problemas e desejos que povoam a vida do dia-a-dia.

Esse conhecimento, no entanto, e na medida mesmo de sua natureza assistemática e superficial, apresenta limites – que o conhecimento científico procura ultrapassar, através do uso de instrumentos específicos (métodos e técnicas de pesquisa, referência a um aparato teórico). Digamos que as formas intuitivas de apreensão, o senso comum, constroem o conhecimento possível, o conhecimento necessário em face de uma situação vivida, de uma experiência anterior. A ciência estaria comprometida com a busca permanente do conhecimento objetivo, fidedigno, aprofundado e sistemático da realidade.

Naturalmente, não podemos esquecer que a ciência é um fenômeno social e histórico, sujeito a condicionamentos e influências. O que significa: é também parcial e imperfeita. Não ultrapassa, por vezes, o senso-comum, e é com frequência permeada pela ideologia.

Mas enquanto se atém a seus objetivos, e mantém uma permanente auto crítica de seus métodos e seus resultados, expondo-se permanentemente ao crivo de sua validade, constitui sem dúvida o caminho mais profícuo para uma maior compreensão da realidade – ponto de partida e de retorno de toda reflexão.

2 A teoria da comunicação: dificuldades

Como dissemos acima, convivemos intensamente com a comunicação, e através de nossa vivência desenvolvemos também um grande conhecimento dela (que se torna, em larga medida, quase um "objeto sem mistério").

Face a esse conhecimento, no entanto, um outro esforço compreensivo vem sendo desenvolvido no campo da ciência, e a teoria da comunicação representa assim o resultado e a sistematização das inúmeras e distintas iniciativas, com pretensão científica, de conhecer a comunicação. Ora, esse conhecimento científico da comunicação vem encontrando muitos problemas.

Inicialmente a teoria da comunicação apresenta-se como um corpo heterogêneo, descontínuo e ainda bastante incipiente de proposições e enunciados sobre a comunicação, fruto de investigações levadas a termo nas mais distintas situações e com a utilização de instrumentais e referenciais também marcados pela diversidade. A comunicação enquanto fenômeno empírico possibilita múltiplos olhares; é objeto complexo que apresenta recortes passíveis de serem investigados pelas várias ciências (e de fato têm sido). De tal maneira que, dentro do vasto espectro que chamamos teoria da comunicação, se agrupam estudos oriundos das mais diversas filiações (sociologia, antropologia, psicologia, semiótica, entre outras) – cada um refletindo o olhar específico e o instrumental metodológico de sua disciplina de origem.

Infelizmente, e como agravante nesse quadro já complicado pela diversidade, manifesta-se ainda no estudo da comunicação uma forte tendência ao modismo; temáticas e vertentes explicativas se sucedem ao longo dos anos, sem alcançar o necessário aprofundamento e maturação. Apesar de sua pretensão científica, é necessário ressaltar a natureza intuitiva e às vezes apressada de muitas investigações, improvisando e criando métodos, incorporando teses nem sempre pertinentes etc.

Uma outra dificuldade, que já apontamos acima, decorre da própria diversidade do objeto. As diversas atividades profissionais de comunicação, os vários veículos, as inúmeras linguagens assumem dinâmicas e configurações tão particulares que torna-se quase impossível pensar na construção e utilização de paradigmas comuns. Sob um outro aspecto, poderíamos ressaltar ainda o choque entre o tempo da prática e o tempo da reflexão, numa situação em que o

rítimo mais lento do trabalho de reflexão não consegue acompanhar o ritmo da comunicação na sociedade moderna, sua mutação permanente.

Por outro lado, enquanto atividade prática, e uma prática essencialmente envolvida com o processo produtivo da sociedade, a comunicação está sempre às voltas com sua própria eficiência. O que significa uma demanda pragmática – e a consequente orientação instrumental de muitas pesquisas empreendidas. Em muitos casos, o estudo da comunicação se desenvolve voltado para a obtenção de determinado tipo de resultado, e sob a égide da eficácia da comunicação – muitas vezes em detrimento do necessário distanciamento crítico e do seu efetivo conhecimento.

Inversamente, outras concepções pecam pelo excesso de distância; voltadas para a reflexão sobre o papel social da comunicação, envolvidas com uma concepção teórica global da sociedade, acabam se desvinculando das questões mais concretas e específicas de nossa realidade comunicativa perdendo por aí também o seu papel explicativo.

Finalmente, cumpre ressaltar o poder de que se reveste a comunicação na sociedade contemporânea, a função que ela cumpre no seio das relações políticas e sociais. O que significa dizer: o conhecimento da comunicação não está isento do revestimento ideológico, e de condicionamentos de toda ordem.

3 Origens e motivações históricas

Essas dificuldades vividas pela teoria da comunicação podem ser melhor compreendidas quando nos reportamos às próprias origens e condições em que foram produzidas as diversas correntes de estudo que a compõem.

Se a reflexão sobre a comunicabilidade, a atividade comunicativa do homem, preocupou os pensadores desde a Antiguidade Clássica³, a nossa teoria da comunicação é bem recente.

3 Já na Grécia, dois modelos se sucederam. Inicialmente, na visão Antiga, o modelo autoritário: toda comunicação vem dos deuses. Em seguida, na visão Moderna, a comunicação é vista como discurso organizado de homens racionais. Platão fala no discurso como a busca da verdade. Para Aristóteles, a comunicação – ou a Retórica – compreende a busca de todos os meios possíveis de persuasão.

Na verdade, o desenvolvimento de estudos mais sistemáticos sobre a comunicação é consequência antes de tudo do advento de uma nova prática de comunicação: a comunicação de massa, realizada através de meios eletrônicos, possibilitando o alcance de audiências de massa, a supressão do tempo e da distância etc.

No entanto, não podemos separar o quadro do desenvolvimento dos meios de comunicação e de uma teoria sobre os meios da dinâmica mais ampla que marcou a primeira metade do século XX, e das mudanças e necessidades que a sociedade formulou à comunicação. Os estudos sobre a comunicação, motivados que foram pela invenção e intervenção dos novos meios, foram também, e sobretudo, estimulados por uma sociedade que necessitava usar melhor a comunicação para a consecução de seus projetos. Quer dizer: o conhecimento da comunicação se fez marcado pelas colocadas pela consolidação do capitalismo industrial em sua fase imperialista (com a notável expansão do imperialismo americano), pela divisão política do mundo em dois blocos (capitalismo e comunismo).

O desenvolvimento da pesquisa em comunicação traz também a marca da evolução e do novo papel da ciência, que é chamada a intervir e responder pelo desenvolvimento da sociedade. A ciência passa a ter um papel cada vez mais instrumental e planejado; as pesquisas, aceleradas por grupos de poder político-econômicos, se organizam para a obtenção de resultados práticos.

Os primeiros estudos sobre a comunicação datam do final do século passado, início deste. Identifica-se como pioneiro o dr. Otto Groth (doutor em Economia Política e Direito) que, na Alemanha, começou a escrever uma extensa obra sobre o jornalismo (uma espécie de "enciclopédia do jornalismo", conhecida como a "teoria do diário"). O dr. Groth começou a escrever em 1910, e os primeiros volumes de seu trabalho foram publicados entre 1928 e 1930. Seu projeto apontava a investigação das características de cada um dos meios, considerados como um todo, mas ele somente investigou as características de imprensa.⁴

Mas é na década de 30, nos Estados Unidos, que realmente pode-se identificar o "nascimento" da hoje chamada teoria da comunicação. Financiados por grupos econômicos e políticos, alguns estudos, voltados para os meios de comunicação, começam a se des-

4 Ver: CASASUS, J. Ideología y analisis de medios de comunicación. Barcelona, Dopesa, 1972.

prender das ciências do comportamento e a se apresentar como uma nova perspectiva de investigação.

Quatro pesquisadores são particularmente apontados como “os pais da pesquisas” em comunicação. São eles: Paul Lazarsfeld (sociólogo, formado em Viena, que se dedicou sobretudo ao estudo das audiências e efeitos dos meios e formação da opinião pública); Harold Lasswell (cientista político, responsável pela criação de um paradigma do processo comunicativo, e pela análise das funções básicas da comunicação); Kurt Lewin (psicólogo, formado em Viena, que desenvolve estudos sobre a comunicação em pequenos grupos); Carl Hovland (também psicólogo, interessava-se pela comunicação e mudança de atitude).

São criados institutos de pesquisa, pesquisadores desenvolvem amplos estudos de audiência, montagem de experimentos etc, que possibilitam a formulação de conceitos, o desenvolvimento de metodologias, a indicação de técnicas de intervenção. Sem dúvida, o financiamento dessas pesquisas estava intimamente ligado a motivações de ordem política e econômica. Por um lado, a expansão da produção industrial, e a necessidade de ampliar a venda dos novos produtos (de estimular a formação de um mercado consumidor) leva grandes empresários a investir em pesquisas sobre técnicas de persuasão, motivações, mudança de atitude, conhecimento do público etc.

Paralelamente à demanda mais imediata de grupos industriais e corporações, a própria dinâmica de conformação do capitalismo em sua fase monopolista (e a ascensão dos Estados Unidos como grande potência imperialista) exigiu em seus momentos mais tensos toda uma estratégia de comunicação (quando os meios de comunicação apenas despontavam, e o conhecimento sobre os meios – e o que fazer com os meios – era praticamente inexistente).

Já na Primeira Guerra Mundial, na Europa, os meios são chamados a desempenhar o papel de persuasores das vontades e sentimentos individuais da população civil na sustentação da economia e fortalecimento do sentimento nacional. Pouco depois, a crise de 29 e a retomada econômica dos Estados Unidos sob a égide da política implementada por Roosevelt (“New Deal”) enfatizam a necessidade da intervenção planejada, da racionalidade na consecução de metas (basicamente o fortalecimento da sociedade dos monopólios e do consumo) – política que se estendia diretamente à comunicação (lembremos que foi exatamente na década de 30 que se deu a criação dos inúmeros institutos de pesquisa).

Mas foi a II Grande Guerra, e o uso exemplar que a Alemanha nazista soube fazer da comunicação, sob a inspiração de J. Goebbels (com o uso da propaganda como mecanismo de controle e manipulação político-ideológica, a combinação de formas interpessoais e massivas, a utilização máxima dos meios disponíveis, a transmissão de emissões radiofônicas para o mundo todo) que mostraram toda a potencialidade da comunicação planejada.

Os Estados Unidos retomam e adaptam as técnicas de Goebbels, e desenvolvem suas próprias táticas de intervenção. Em instituições privadas e militares, cientistas se dedicaram a análises e experimentos, testando e aperfeiçoando a eficácia da comunicação, estudando seus efeitos e alcance. No pós-guerra, a "Guerra Fria" e a política intervencionista americana vão atribuir um papel crucial à comunicação. Do serviço de informação à difusão de produtos culturais, passando pela criação de agências de desenvolvimento e financiamento de pesquisas e cursos de comunicação nos países do terceiro mundo, toda uma política centrada nas práticas comunicativas vêm incentivar e exigir o desenvolvimento das pesquisas e o maior domínio das técnicas e do fazer comunicativo.

Naturalmente, esta é uma parte da história que contextualiza o surgimento da teoria da comunicação. Na Europa os estudos sobre os meios de comunicação não se desenvolveram com a mesma intensidade, e se constituíram numa perspectiva distinta. Além do já citado trabalho de Groth, no início do século, é também a partir da década de 30 que começam a surgir os primeiros estudos. Em 1937 é criado o Instituto Francês de Imprensa, onde Jacques Kayser desenvolve uma linha de pesquisa voltada para a análise morfológica dos jornais. Alguns anos depois, e sob a inspiração estruturalista, surgem trabalhos importantes de reflexão sobre a cultura de massa, bem como estudos semiológicos sobre a nova produção cultural, e onde se destacam os nomes de Edgar Morin, Violette Morin, Roland Barthes, Abraham Moles. No caso da tradição européia, é importante ressaltar o predomínio de uma orientação especulativa e intelectualista, totalmente desvinculada de objetivos pragmáticos.

É da mesma época (anos 30) o surgimento de uma outra importante corrente de estudos sobre a cultura da sociedade industrial, e que teve uma influência decisiva na orientação de estudos posteriores sobre os meios de comunicação, que é a "teoria crítica", ou Escola de Frankfurt (e onde se destacam os nomes de Adorno, Horkheimer, Marcuse). Em contraposição à tradição americana, de

corrente positivista (a chamada “pesquisa administrativa”, que se propunha a aperfeiçoar a eficácia da comunicação), a “teoria crítica” vem justamente fazer uma crítica severa ao uso persuasivo e à manipulação operada pelos meios de comunicação de massa (através do conceito marxista de ideologia).

Na América Latina, após alguns estudos esporádicos sobre a história e a legislação dos meios de comunicação, as primeiras investigações (assim como a criação de institutos de pesquisa e cursos de comunicação) nascem sob a égide da influência americana (do ponto de vista do modelo teórico e das temáticas a serem investigadas). A década de 70 marca uma virada crítica, e sob a inspiração de paradigmas marxistas e da teoria de dependência, surge uma corrente de estudos sobre a dependência cultural e a ação do imperialismo no campo da comunicação. Como desdobramento desta postura crítica, estudiosos latino-americanos desenvolvem um novo modelo comunicativo – a comunicação horizontal, a comunicação como processo de conscientização.

Novas tendências se delineiam em nossos dias, refletindo indagações mais recentes e a nova realidade configurada pelas mudanças na sociedade, o avanço da técnica e o aparecimento de novas práticas sociais. Esta retrospectiva não pretendeu ser exaustiva (várias tendências e nomes não foram contemplados). Com esse breve panorama, quisemos ressaltar em que medida o estudo dos meios, a orientação da pesquisa e a construção de modelos teóricos sobre o processo comunicativo acompanham a dinâmica mais global vivida por cada sociedade em momentos sucessivos. A constituição da teoria da comunicação é também um processo histórico, e reflete a experiência e as tendências da vida social.

Finalmente, o surgimento dos Cursos de Jornalismo, e mais recentemente Cursos de Comunicação, com a criação das outras habilitações, também vai influir no desenvolvimento dessa teoria. Em que pese a natureza profissionalizante dos cursos, eles constituem também, e sobretudo nas Universidades públicas, um espaço privilegiado para a reflexão e o desenvolvimento de pesquisas sobre a comunicação.

4 As diversas correntes de estudo da comunicação

Como já ressaltamos, a teoria da comunicação se caracteriza sobretudo pela heterogeneidade das correntes e concepções que

abriga. E tarefa difícil perceber traços de identidade que permitam agrupá-las de forma organizada e coerente (ou seja, não há como apresentar de forma orgânica e estruturada um quadro que é fragmentado e descontínuo).

Ainda assim, é possível buscar formas de sistematização, e várias tentativas são feitas nesse sentido. Uma classificação mais global e genérica divide as várias correntes e estudos em dois grandes blocos, segundo se inscrevam sob a égide dos paradigmas da ordem ou do conflito (U. Eco falou em "apocalípticos" e "integrados", outros preferem a classificação de "perspectiva crítica" versus "positivismo").

Uma outra forma de apresentação promove um agrupamento dos estudos por países e/ou institutos de pesquisa. Por esse caminho, fala-se na Escola Americana, Escola Francesa, Escola Italiana, Escola Latino-americana, Escola de Frankfurt. Esse sistema tem o inconveniente de, no caso do agrupamento por país, encobrir tendências distintas e criar uma falsa unificação (a "Escola Americana, por exemplo, compreende várias "escolas", e assim por diante).

Costuma-se ainda buscar um agrupamento das linhas de pesquisa segundo sua filiação nas distintas correntes de pensamento. Encontraríamos aí, então, três correntes principais: a funcionalista, a estruturalista, a marxista. Esta tentativa esbarra, entretanto, no cipoal de concepções (e pseudo-filiações) da maioria dos estudos, sem falar nas inúmeras tendências em que se desdobram cada grande corrente. A corrente marxista, por exemplo, agrupa tendências tão distintas quanto a Escola de Frankfurt (que combina o paradigma marxista com elementos da psicanálise e da dialética hegeliana) e a teoria do imperialismo cultural (fundada sobretudo na teoria do imperialismo e da dependência).

Uma outra forma possível de ordenação pode ser construída pelo agrupamento temático. A comunicação, enquanto fenômeno social complexo, apresenta elementos básicos, ou dimensões particulares, que são frequentemente destacados nas diferentes análises. Assim é que poderíamos falar (a) no processo comunicativo, (b) nas mensagens, (c) na recepção, (d) na produção social da comunicação (que inclui a relação comunicação-sociedade).

As várias correntes de estudo trabalham e reordenam de forma distinta esses aspectos, e geralmente enfatizam um ou outro deles. Tomando-os assim como temas nucleadores, poderemos chegar a um novo reagrupamento, apresentando os diversos estudos segundo sua ênfase particular. Dessa forma poderíamos chegar ao seguinte quadro:

- a) Estudos centrados no processo comunicativo e seus elementos internos:
 - a teoria da informação;
 - modelos da comunicação;
 - a comunicação dialógica;
 - estudos sobre a tecnologia da comunicação.

- b) Estudos sobre a mensagens e o conteúdo dos meios:
 - estudos morfológicos;
 - análise de conteúdo (de inspiração semiológica);
 - a corrente semiótica;
 - análise ideológica;
 - estudo das linguagens.

- c) Estudos da recepção:
 - pesquisas de audiência;
 - estudo das motivações;
 - a teoria da difusão de informações;
 - a teoria da recepção seletiva;
 - a “leitura crítica”;
 - a estética da recepção.

- d) Estudos sobre a produção social da comunicação (e a relação comunicação-sociedade):
 - estudo das funções;
 - a teoria da cultura de massa;
 - a indústria cultural (teoria crítica);
 - a teoria do imperialismo cultural;
 - estudos sobre comunicação e hegemonia;
 - a teoria de McLuhan;
 - os “cultural studies”;
 - o “agenda setting”;
 - o “newsmaking”;
 - o interacionismo simbólico;
 - a ação comunicativa de Habermas.

Esse também não é o quadro completo; força, em certas tendências, a definição temática; em alguns casos aponta linhas de pesquisa bem delimitadas, em outros aponta apenas linhas gerais.

Nosso objetivo ao delinear esse grande painel, assumindo o ris-

co das imprecisões, foi ao mesmo tempo apontar a diversidade e ressaltar a inexistência de abordagens mais globais. A apreensão esquemática e simplificadora do processo comunicativo tem levado, na maioria dos estudos, seja a obscurecer a sua especificidade enquanto atividade social, fenômeno dotado de particularidade, seja a proceder a cortes, efetivando “abordagens metonímicas”, em que se toma a parte pelo todo.

O resultado, na perspectiva de construção de uma teoria da comunicação, é que tais estudos – sumamente importantes no tratamento de certos elementos essenciais do processo comunicativo, olhares específicos que ressaltam aspectos significativos da comunicação ou da inserção de comunicação na sociedade – significam ainda abordagens parciais – ou não se somam na construção de um olhar específico da comunicação.

5 Antinomias e olhar global

A diversidade conceitual e as diferentes perspectivas metodológicas que orientam os estudos da comunicação indicam a inexistência de um paradigma comunicativo único. Mais do que isto, uma análise interna dos vários estudos e da apreensão da comunicação por eles efetuada indica ainda a existência de visões opostas, pares antinômicos no que diz respeito à delimitação do objeto; natureza da relação comunicativa; natureza do processo comunicativo.

São os seguintes os três antinômicos que atravessam as análises da comunicação:

– o primeiro deles tem como ponto nodal a delimitação do objeto comunicação (e a relação comunicação/sociedade), e aqui podemos apreender duas tendências – ou paradigmas – o que se opõem. Em alguns estudos a comunicação é vista enquanto sistema isolado, e é destacada e formalizada em modelos que destacam seus elementos internos e partes constitutivas – sem se referenciar ao seu contexto, obscurecendo a sua inserção social. Em outros o fenômeno comunicativo não é apreendido em si mesmo, mas é tratado enquanto um dos aspectos de relações sociais mais amplas; ele vem inscrito e subordinado a uma dinâmica mais global da sociedade, ele é instrumento e materialização de relações que transcendem e anulam a relação comunicativa propriamente dita;

– a segunda antinomia se constrói em torno da natureza da relação efetivada no processo comunicativo. De acordo com o

“paradigma clássico” (fundado no modelo da teoria da informação), a comunicação é configurada como relação unilateral, linear, em que um emissor transmite mensagens para um receptor; unilateralidade que é mantida mesmo quando se admite a troca de papéis (no conceito de feedback). Em contraposição a esse modelo, constrói-se a relação dialógica (comunicação versus informação), calcada na bilateralidade, na relação biunívoca de pólos que, alternadamente, emitem e recebem em perfeita igualdade de condições;

– finalmente, a natureza do processo e do produto comunicativo vai sofrer também duas apreensões distintas. Em certas perspectivas ou modelos a comunicação é compreendida enquanto processo de transmissão de informações, transferência de sinais (acústicos, visuais etc) que são neste caso tratados do ponto de vista operacional, quantitativo, formal. Outros estudos tomam a comunicação enquanto processo de significação, de produção simbólica – e as mensagens, material simbólico, instâncias de sentido que refletem um trabalho de investimento e de interpretação.

Os diferentes estudos localizam-se em um ou outro polo da antinomia, e um entrelaçamento entre as diferentes visões – a construção de modelos híbridos – não tem sido buscados. Não se ultrapassa, dessa maneira, compreensões parciais da comunicação. Os diferentes estudos oscilam entre uma abordagem tão ampla que não possibilita explicar ou intervir na prática específica dos meios, ou tão interna ao processo comunicativo que se desarticula de uma visão que recupera a sua globalidade e sua inserção na vida social. O paradigma da relação unilateral não dá conta de explicar as formas interativas e dialógicas; o paradigma da comunicação bilateral exclui – como não-comunicação – a relação vivida entre usuários e meios de comunicação de massa, por exemplo. A mesma coisa se repetindo no caso do processo de transmissão ou de significação.

O caminho de construção de uma teoria da comunicação passaria assim pela superação dessas antinomias e pela unificação paradigmática?

Fóruns mais recentes de pesquisadores, ao ressaltar a particularidade do objeto, vem envidando esforços para que o intercâmbio e o confronto das distintas perspectivas venham convergir na construção de uma leitura específica que, ultrapassando o interesse e alcance das outras ciências sociais (ainda que resguardando a natureza interdisciplinar dessa área de pesquisa) possa aprender a globalidade do processo comunicativo.

E preciso no entanto, buscando exatamente o olhar da globalidade, ressaltar e resguardar a idéia da complexidade do objeto – que não permite, por sua própria exuberância e diferenciação, uma apreensão esquemática e rígida. Não se trata, acreditamos, de uma superação das antinomias – mas de sua acomodação (da absorção das diferentes perspectivas e possibilidades). Frente ao objeto dinâmico e plural, é necessário mais que nunca um olhar plural. A realidade comunicativa subverte a prática conceitual tradicional – e advoga a liberdade do olhar.

Theory(ies) of Communication: a search for identity and pathways

This paper focuses on the emergence of a field of studies on Social Communication (a “Theory of Communication”); the difficulties posed by its object, and the historical contextualization of the various studies on it. Such studies, making up a heterogeneous set and being systematized in diverse manners, suffer from some antinomies, which make it difficult to apprehend the communicational phenomenon in a global way.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASASUS, Josep M. *Ideologia y analisis de medios de comunicación*. Barcelona: Dopesa, 1979.
- CORRAL CORRAL, Manuel. *La ciencia de la comunicación en Mexico: origen desarrollo y situación actual*. Xochimilco: Universidad Autónoma Metropolitana, 1982. (TICON, Taller de Investigación en Comunicación Masiva, nº 15.)
- FRANÇA, Vera R., CASTRO, Maria C. e PAIVA, Vanessa. *As relações entre cultura e MCM no universo da mineiridade: relatório final de pesquisa*. Belo Horizonte: UFMG, 1989. mimeo.
- LIMA, Venício. Repensando a(s) teoria(s) da comunicação: notas para um debate. In: MELO, José Marques (Org). *Teoria e pesquisa em comunicação*. São Paulo: Cortez: Intercom, 1983.
- MCQUAIL, Denis. *Introducción a la teoría de la comunicación de massas*. Barcelona: Paidós, 1985.
- MORAGAS SPA, Miguel. *Teorias de la comunicación*. Barcelona: G. Gili, 1981.
- PFROMM NETO, Samuel. *Comunicação de massa: natureza, modelos e imagens*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- SCHARAMM, Wilbur (Org). *Panorama da comunicação coletiva*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.